

HISTÓRIA DA REVISTA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANESTESIOLOGIA // HISTORY OF THE JOURNAL OF THE PORTUGUESE SOCIETY OF ANESTHESIOLOGY

JORGE TAVARES¹

Palavras-chave:

- Anestesiologia/história;
- Portugal;
- Publicações Periódicas

Keywords:

- Anesthesiology/history;
- Periodicals as Topic;
- Portugal

Data de submissão - 22 de julho, 2015

Data de aceitação - 22 de agosto, 2015

¹ Professor Catedrático jubilado de Anestesiologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, chefe de serviço reformado do Serviço de Anestesiologia do Hospital S. João, Portugal

O primeiro número da Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia apareceu em maio de 1985.¹ António Alfredo Meireles, Presidente da Direção da Sociedade, foi o responsável pela sua edição (Fig. 1). Os outros membros desta direção eram Álvaro Ferreira Pais como secretário e Maria Leontina Freitas Costa Carvalhais, como Tesoureira, todos do Hospital Geral de Santo António, no Porto.

Com esta iniciativa, a Sociedade propôs-se avançar no cumprimento das suas funções em favor da qualidade da especialidade e seus agentes através da disponibilização de um instrumento que, por um lado, permitisse melhorar a comunicação com os associados, e por outro, contribuisse para a formação dos recém-chegados à especialidade e dos que tinham já o título de especialista, bem como facultasse a publicação em língua portuguesa, dos seus trabalhos de índole científica ou clínica em Anestesiologia ou Cuidados Intensivos.

A determinação com que os pioneiros da Anestesiologia em Portugal assumiram o seu plano para transformação de uma técnica auxiliar da cirurgia numa especialidade completa e autónoma teria que incluir, mais cedo ou mais tarde, a publicação de um instrumento deste tipo, logicamente no âmbito da Sociedade.

Numa iniciativa pioneira, Eusébio Lopes Soares organizou, entre outubro de 1956 e abril de 1964, cinco números do Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, de que a Sociedade Portuguesa de Anestesiologia era uma secção, dedicados à Anestesiologia, em que colaboraram diversos anestesiologistas e médicos de outras especialidades, nacionais e estrangeiros

António Alfredo Meireles (Hospital Geral de Santo António, Porto), que foi o primeiro presidente da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia (SPA) com o título de especialista obtido após a frequência do internato das carreiras médicas, assumiu o desafio da publicação da sua Revista. Segundo o conteúdo da entrevista que deu à Newsletter da SPA,² foi incentivado nesta iniciativa por alguns dos Anestesiologistas mais proeminentes da geração anterior, como Avelino Fortes Espinheira, Eusébio Lopes Soares e Manuel Silva Araújo. Este último, diretor do Serviço

da Anestesiologia do Hospital Geral de Santo António envolveu o Serviço e o próprio Hospital no apoio logístico à Revista, apoio particularmente bem-vindo na fase de lançamento.



Volume 1 e 2

Volume 3 e 4



Volume 5 e 7

Volume 8 a 11



Volume 12 e 13

Volume 14 e seguintes - capas variáveis

Figura 1. Evolução da capa da Revista ao longo da sua história

Consciente de que a sustentabilidade de uma publicação desse género não podia ser fruto de um entusiasmo de momento,

António Meireles começou por promover e fomentar iniciativas que contribuíssem para assegurar a qualidade na elaboração e publicação de trabalhos e que conduzissem à sua inclusão na Revista, no que foi seguido por Maria Teresa Rebelo, que lhe sucedeu.

Os Encontros de Anestesiologistas Portugueses, organizados pela Sociedade, foram uma peça privilegiada desta estratégia. Em outubro de 1988, realizaram-se pela última vez em Tróia, com um programa que consistiu num Simpósio de Investigação Clínica em Anestesiologia. Esta reunião congregou um corpo docente de elevada qualidade, integrado por não médicos e por médicos não anestesiologistas (Isabel Renaud, Walter Osswald, Victor Feytor Pinto, José Lamego, António Gouveia de Oliveira, José Soares de Oliveira, Maria João Roquete e Hugo Gil Ferreira, entre outros), bem como por anestesiologistas (Maria Graça Rocha Reis, Victor Faria Blanc e Manuel Silva Araújo).

A maior parte dos anestesiologistas manifestou o seu apoio à iniciativa da publicação da Revista e alguns fizeram chegar sugestões críticas aos seus responsáveis. Por exemplo, Victor Faria Blanc, um anestesiologista português emigrado no Canadá onde atingiu posições de relevo e que assumiu com entusiasmo a sua colaboração com o projeto, escreveu uma carta à Revista, em que apontava: a necessidade de maior cuidado na revisão dos originais em matérias de gralhas tipográficas, sobretudo em artigos com implicações práticas e eventuais consequências nocivas se aplicadas pelos leitores em futuros doentes; a necessidade de cuidar da ética dos ensaios clínicos (reconhecendo que a maioria dos Hospitais não teria em funcionamento comissões de ética médica, falha que considerava indispensável colmatar); e a necessidade de exigir dos autores a aplicação de uma análise estatística correta e adequada, bem como de introduzir critérios de homogeneidade nos grupos de doentes estudados e de cuidar a apresentação gráfica de resultados (incluiu exemplos concretos de deficiências por ele detetadas em trabalhos publicados nos primeiros números da Revista).³

Os sucessivos responsáveis pelos primeiros volumes da Revista introduziram, de forma progressiva, melhorias editoriais. Foram criados um Conselho Redatorial, pouco depois substituído por um Conselho Editorial, e um Conselho Científico composto por “algumas personalidades do âmbito da Anestesia e dos Cuidados Intensivos” a quem foi pedido “que auxiliassem os responsáveis pela Revista com a sua experiência”. A partir do volume 2, as “Normas de Publicação” foram progressivamente atualizadas como recomendações aos autores, com o objetivo de exigirem uma maior qualidade científica e rigor editorial aos autores, bem como salvaguardarem o respeito pelos princípios éticos, de forma particular nos trabalhos de investigação clínica.

Em 1988, Maria Teresa Rebelo instituiu como garantia de qualidade a revisão dos trabalhos para publicação por membros do Conselho Redatorial e por colegas não associados a este, como condição para a sua aceitação (*peer review* ou revisão por pares). Os revisores tiveram a noção que a aceitação de alguns trabalhos teria que resultar de um compromisso entre a qualidade e a realidade. Em alguns casos, os pareceres sugeriram alterações que significavam uma proposta de reescrita quase total do trabalho, o que foi geralmente bem aceite pelos autores. Mas quando os revisores tiveram que questionar a validade de meto-

dologias utilizadas ou a interpretação de resultados, alguns autores manifestaram-se incomodados com o que consideraram um atrevimento. Mas o caminho ficou traçado e constituiu uma marca objetiva de melhoria da qualidade da revista.

Laura Massa promoveu a realização de Encontros da Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia, com um largo espaço para Comunicações Livres e com a atribuição de um elevado prémio pecuniário, o “Prémio Maria Teresa Rebelo”. De acordo com o respetivo Regulamento, os objetivos principais eram “estimular os internos de Anestesiologia no aprofundamento de conhecimentos, na prática da comunicação científica e na valorização dos seus currículos, devendo todos os trabalhos concorrentes serem apresentados para publicação na Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia”. O primeiro destes encontros teve lugar em Novembro de 1991, na Escola do Serviço de Saúde Militar (Lisboa).

Com este volume 4 (1992) terminou aquilo que se pode chamar a fase de instituição da Revista, já que ela conseguira conquistar o seu espaço e a sua sustentabilidade, possuía um editor chefe e órgãos editorial e de aconselhamento que integravam um número crescente de jovens anestesiologistas, instituíra o sistema de revisão por pares e tinha um financiamento estável. Iniciava-se então uma fase de consolidação em que ia ser posta à prova a sua capacidade de cumprir com os objetivos que se propusera: a comunicação com os associados, a formação dos recém-chegados à especialidade e dos que tinham já o título de especialista, a publicação em língua portuguesa, dos trabalhos de índole científica ou clínica em Anestesiologia e Cuidados Intensivos. O compromisso inicial da publicação de um número por semestre foi sendo adequado às realidades, com aumento flutuante dessa periodicidade, atualmente colocada em um número por trimestre.

A Revista caracterizou-se, desde o seu início, pela inclusão de trabalhos referentes às novas áreas que se foram individualizando na Medicina e em que a especialidade e os seus especialistas se foram tornando competentes: os cuidados médicos do doente, incluindo a avaliação e o manuseamento do risco, em todas as fases do ato anestésico (pré-operatório, intraoperatório e pós-operatório, nesta incluindo a abordagem especializada da dor), a Anestesia fora do bloco operatório e em locais remotos, a Medicina dos Cuidados Intensivos ou Medicina Intensiva, a Analgesia do Trabalho de Parto, a Medicina de Emergência nas suas vertentes intra-hospitalar e extra-hospitalar, a Medicina da Dor Crónica neoplásica ou não, o ensino nas suas vertentes de educação médica pré-graduada, de formação especializada e de aperfeiçoamento profissional contínuo, a investigação clínica, laboratorial ou de translação, a gestão e a administração de serviços de saúde.

A Revista tornou-se o veículo privilegiado para a informação dos associados sobre congressos e outras reuniões, nacionais e internacionais, que estavam em fase de organização. Publicou igualmente alguns artigos de opinião, embora os seus associados não revelassem, ao longo dos anos, grande interesse em utilizarem este tipo de comunicação. A publicação de uma Newsletter associada a cada número da Revista, iniciada em julho de 2005 sob a orientação de Lucindo Ormonde, não apenas libertou as páginas da revista do objetivo de comunicação entre

a Sociedade e os seus associados, como lhe criou um instrumento próprio.

A maior parte dos artigos escritos por Anestesiologistas Portugueses foi encaminhada para a Revista. Foram numerosos os casos clínicos e os artigos de revisão publicados ao longo dos anos. Os artigos originais de investigação, embora em menor número, não eram por vezes verdadeiramente originais porque não conduziram a nenhuma inovação, nem relataram situações raras, nem apresentaram propostas sólidas de novidade. Foram sobretudo a oportunidade para os autores reverem o tema. A necessidade de balancear um compromisso entre a qualidade e a realidade, que Maria Teresa Rebelo referira, foi-se mantendo ao longo dos anos, embora, de uma forma geral e com oscilações, o prato da qualidade se fosse tornando cada vez mais predominante.

A Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia publicou muitos artigos originais sobre a História da Anestesiologia, quer em geral quer em Portugal, logo a partir do volume 1 (dezembro 1987), com o artigo de Eusébio Lopes Soares sobre os “Difíceis Caminhos da Anestesia”. Assumiu-se assim como um observatório da evolução da especialidade em Portugal. As numerosas apertações publicadas significaram uma conservação de fontes que permitem um conhecimento muito alargado e raro da evolução de uma especialidade entre nós, como se pode inferir da consulta da bibliografia da História da Anestesiologia em Portugal no século XX, em fase final de elaboração.

Muitos anestesiologistas e internos da especialidade tomaram ao longo dos anos a iniciativa de promoverem inquéritos junto dos seus pares sobre diversos aspetos do seu trabalho, dos recursos humanos da especialidade, da qualidade da formação, com resultados que publicaram na Revista. O primeiro, com a designação “Sondagem SPA 89” versou questões de segurança, de recursos humanos e de organização do trabalho, foi levado a cabo por anestesiologistas do Hospital Distrital de Setúbal, com Maria José Rodrigues como primeira autora e publicado no nº 5 do volume 2, em julho de 1990. A segurança, que a partir do Congresso Mundial de Washington da World Federation of Societies of Anesthesiology realizado em 1989, se viria a consolidar como a nova atitude estruturante da especialidade, foi um tema recorrentemente tratado na Revista. Igualmente a partir do Hospital Distrital de Setúbal, a Revista publicara e comentara já, no seu número anterior, as diretrizes aprovadas em outubro de 1984, pela Secção Mono-Especializada de Anestesia e Reanimação da União Europeia dos Médicos Especialistas.

A Revista publicou os resultados de um questionário sobre a condição do interno de Anestesiologia, levado a cabo por um grupo de Anestesiologistas de vários hospitais, coordenado por Joaquim Viana (HUC) e publicado em 2001.^{4,5} Ao longo dos anos, a Revista publicou um apreciável número de artigos sobre o internato da especialidade, na perspetiva da sua organização, dos seus programas locais, da integração e satisfação dos seus médicos e do futuro.

Em 2015, a Direção do Colégio de Anestesiologia da Ordem dos Médicos, presidida por Paulo Lemos, publicou na Revista da Sociedade relatório final do Censos Anestesiologia 2014, levado a cabo com o objetivo de conhecer com rigor os recursos humanos existentes de modo a se conseguir um planeamento

estratégico da especialidade e dos seus quadros.⁶ A publicação deste trabalho do Colégio na Revista da Sociedade representou a confirmação mais recente da sua qualidade de Revista de todos os Anestesiologistas Portugueses.

A progressiva assunção da Anestesiologia como disciplina académica, sobretudo na sua intervenção no currículo dos estudantes, encontrou na Revista um local aberto à comunicação das experiências pedagógicas realizadas pelos professores de Anestesiologia nas Universidades de Coimbra, de Lisboa e do Porto, o que sucedeu pela primeira vez em 1989.

Num editorial de 2001,⁷ Carlos Couceiro de Sousa, o presidente da direção da Sociedade, relatava algumas dificuldades que a Revista sentia, nomeadamente a falta de artigos, o pesadelo da escassez de publicidade e a insipiência da profissionalização da sua administração como razões para justificar o atraso na publicação da Revista e a necessidade de publicar dois números no mesmo exemplar. O aumento do controle do trabalho hospitalar, nomeadamente pela participação nas lucrativas atividades da emergência extra-hospitalar do Instituto Nacional de Emergência Médica reduziu o tempo disponível para a realização das investigações necessárias à elaboração de trabalhos.

O Clube de Anestesia Regional conseguira impor a sustentabilidade da sua Revista e os Anestesiologistas Portugueses passaram a publicar nas duas. A sua produção científica e o seu interesse pela comunicação diminuiu. Por razões aparentemente supérfluas, um grande serviço (Hospital S. João, Porto) cortou mesmo toda a colaboração com a Sociedade e limitou fortemente a autorização dos seus médicos para usarem a sua Revista.

Alguns serviços ensaiaram a edição de revistas próprias (do Hospital S. Marcos, Braga e do Hospital S. João, Porto). Um grupo *ad-hoc* de anestesiologistas lançou uma revista (Anestesia 2000). Todas, independentemente da qualidade dos seus responsáveis e da ambição do seu projeto, tiveram uma vida de duração muito fugaz.

Os anestesiologistas que integravam este grupo *ad-hoc* vieram a traçar um vasto programa de melhoria da qualidade das instituições da especialidade. A Revista ganhou então um novo aspeto, com Lucindo Ormonde como seu editor em acumulação com a presidência da direção da Sociedade e um novo impulso, pelo que passou de novo a receber numerosos trabalhos. A Direção do Colégio de Anestesiologia da Ordem dos Médicos introduziu, em 2007, uma cotação elevada no item das publicações e comunicações na construção da classificação da prova curricular do exame final do Internato da especialidade, o que transformou completamente o interesse dos jovens candidatos na realização de trabalhos, na análise da vida dos serviços e na divulgação de casos clínicos.

A Revista publicou os resumos das comunicações aceites aos Congressos Anuais da Sociedade em números especiais, distribuídos com a documentação do Congresso. Algumas destas comunicações apareceram posteriormente publicadas em extenso, também na Revista da Sociedade. Esta discrepância entre número de comunicações e número de publicações em extenso pode significar que as investigações foram realizadas apenas com o objetivo de melhorarem a quantificação de um requisito curricular.^{8,9}

Como qualquer revista científica médica, a Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia aspirou desde sempre a um *Impact Factor* Thomson Reuters, inventado na década de 60 pelo Institute for Scientific Information, atualmente Thomson Reuters, como indicador objetivo da sua qualidade. O caminho a percorrer implica estar indexada no Journal of Citation Reports, usar o inglês como idioma de artigos originais e esperar que eles sejam citados com frequência e regularidade por outros autores em revistas igualmente indexadas.

Em 2013, o editor-chefe, António Augusto Martins, negociou com a Fundação para a Computação Científica Nacional o alojamento da Revista Portuguesa de Anestesiologia no Serviço da Alojamento das Revistas Científicas e a sua indexação no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP). A Revista ficou instalada numa plataforma informática nacional a par de outras publicações científicas, algumas das quais indexadas a bases de dados com fator de impacto, e a repositórios das universidades, ou institutos e dos hospitais.

A revista passou assim a ser publicada em acesso livre, ou seja os artigos passaram a poder ser lidos, descarregados, guardados e impressos sem custos para o leitor, num primeiro passo do difícil caminho para o fator de impacto.

A produção científica dos anestesiológicos portugueses aumentou de qualidade nos últimos anos, como revela a crescente publicação em revistas com fator de impacto. Os artigos nestas condições estão relacionados com trabalhos de doutoramento e posteriores. Estes autores não se tem sentido incentivados a publicar na Revista da Sociedade porque a visibilidade internacional desta, que é muito fraca, não cobre o prejuízo da perda da possibilidade de publicação no estrangeiro.

Durante anos, registou-se uma progressivamente melhor qualidade médica dos jovens anestesiológicos, um aperfeiçoamento dos programas de formação nas suas vertentes local, nacional e europeia e o desenvolvimento das aptidões comunicacionais, nomeadamente no uso da língua inglesa, numa trajetória de aproximação a um ponto de equilíbrio entre os interesses da Revista e os dos autores.

Os responsáveis pela Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia ao longo dos primeiros 30 anos de publicação foram: António Alfredo Meireles (do Hospital Geral Santo António, Porto), Maria Teresa Rebelo (do Hospital Distrital de Setúbal), que lhe sucedera na presidência da Sociedade. Com o seu falecimento inesperado, essa responsabilidade foi atribuída interinamente a Maria José Rodrigues (Hospital Distrital de Setúbal) durante o período em que Artur Santos Costa (Hospital Santo António dos Capuchos, Lisboa) assumiu a presidência da direção da Sociedade como vice-presidente eleito. A partir de 1990, a responsabilidade da Revista passou a ser atribuída a um editor-chefe, com o objetivo de reforçar a sua orientação científica: Laura Carreiro Massa (Hospital Santo António dos Capuchos, Lisboa), Carminda Parente (Hospitais da Universidade de Coimbra), Damieta Isabel Pinto Ramos Figueiredo (Hospital S. João, Porto), Dinis Cunha Leal (Hospitais da Universidade de Coimbra), Lucindo Palminha do Couto Ormonde (Hospital Fernando da Fonseca, Amadora-Sintra e depois Hospital Santa Maria, Centro Hospitalar de Lisboa Norte, inicialmente em acumulação com a presidência da Sociedade) e António Augusto Martins (Centro

Hospitalar e Universitário de Coimbra, atualmente em funções).

REFERÊNCIAS

1. Tavares J. História da Anestesiologia Portuguesa. 2ª ed. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Anestesiologia; 2013.
2. Meireles A. Entrevista sobre os 30 anos da Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia. Newsletter SPA. 2015;3: 8-9.
3. Blanc VF. À guisa de conversa amigável (Correspondência). Rev Soc Port Anestesiol. 1986;1: 86-9.
4. Viana J, Rodrigues ML, Campos B, Girão A, Azevedo C, Santos R, et al. Questionário sobre a condição do interno de Anestesiologia: I – dados demográficos e acesso à especialidade. Rev Soc Port Anestesiol. 2001; 12:5-15.
5. Viana JS, Campos B, Rodrigues ML, Veríssimo C, Santos R, Azevedo C, et al. Questionário sobre a condição do interno de Anestesiologia: II – Cuidados Intensivos e Emergência Médica. Rev Soc Port Anestesiol. 2001; 12: 43-53.
6. Lemos P, Lima JF, Viana J, Assunção JP, Veiga J, Chedas, et al. Censos Anestesiologia-2014. Relatório Final. Rev Soc Port Anestesiol. 2015; 24: 41-52.
7. Sousa CS. Editorial. Rev Soc Port Anestesiol. 2001; 1-2: 5.
8. Abelha F. Publicações dos Anestesiológicos Portugueses. Rev Soc Port Anestesiol. 2015; 24:24-7.
9. Ferreira AM, Ferreira JL. Análise do perfil de publicação científica em Anestesiologia – Revista e Congresso da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia Rev Soc Port Anestesiol. 2015; 24:28-31.